

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL LUZ DO SABER

Noyane dos Santos Pereira¹
José Camilo de Souza Ramos²

RESUMO

A relação do homem com o ambiente passou e ainda continua passando por diversas alterações, que vem a cada dia sendo modificados com a vivência e as mudanças de comportamentos da própria sociedade na questão ambiental. Os estudos sobre a percepção ambiental, neste sentido, é um meio de compreender como os sujeitos adquirem conceitos, valores, como compreendem suas ações e se sensibilizam com o meio, (tanto natural como modificado pelo homem), e o modo de vida dentro do espaço socioambiental. A pesquisa vem contribuir para o meio acadêmico, no sentido de cada vez mais se fazer e conhecer trabalhos que tratam de estudos voltados para a concepção ambiental aplicada ao ensino de Geografia, por meio das representações gráficas (desenhos) elaborados pelos estudantes. A pesquisa foi de encontro às dificuldades enfrentadas diariamente pelo professor, pois muitas vezes o ensino ainda é repassado de forma tradicional, o que leva o aluno a ter dificuldades para a assimilação do conteúdo, a pesquisa visa uma proposta diferente, onde o aluno aprenderia a partir de seu contexto, ou seja, a partir do que o mesmo já conhece. Este trabalho tem como principal objetivo compreender a percepção ambiental dos alunos do 6º ano, por meios de desenhos, nas aulas de Geografia na Escola Municipal Luz do Saber. E tem como objetivos específicos, discutir os principais conceitos de meio ambiente com os alunos do 6º ano do ensino fundamental; identificar por meio dos desenhos elaborados pelos alunos, como os mesmos concebem as questões ambientais ocorridas no meio e inserir as representações gráficas nas aulas de Geografia, como instrumento metodológico de ensino aprendizagem. A pesquisa trabalha o processo de percepção tendo como base a fenomenologia, sendo forma de dar destaque à experiência vivida, e através do fenômeno, ou seja, tudo aquilo que se apreende pela consciência, será possível a descrição do ambiente vivido.

Palavras-Chaves: Percepção Ambiental. Ensino de Geografia. Representação Gráfica.

¹ Acadêmica de Geografia do CESP/UEA Email: noyane.sp@gmail.com

² Profº. Dr. do CESP/UEA Email: jcramosdesouza@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente TCC tem por finalidade descrever as informações adquiridas a partir de da pesquisa intitulada Representação Gráfica da Percepção Ambiental dos Estudantes da Escola Municipal Luz do Saber, no Município de Parintins. A ideia de se realizar a pesquisa, partiu do pressuposto de tentar compreender a percepção ambiental dos estudantes do 6º ano, bem como, de que forma os mesmos compreendem esta temática e como as aulas de Geografia colaboram para o aprimoramento desse conhecimento.

A pesquisa trabalhou a partir do processo da percepção, onde o conhecimento é o resultado da interação entre o que o sujeito observa e o sentido que ele dá a coisa percebida. A fenomenologia na Filosofia refere-se a uma descrição imparcial de nossa percepção consciente do mundo, exatamente como ele ocorre, sem nenhuma tentativa de nossa parte de interpretação ou análise. É uma forma de dar destaque à experiência vivida e através do fenômeno, ou seja, tudo aquilo que se apreende pela consciência, será possível a descrição do ambiente percebido (Moreira, 2004).

A pesquisa foi desenvolvida a partir do objetivo geral: Compreender a percepção ambiental dos alunos do 6º ano, por meios de desenhos, nas aulas de Geografia na Escola Municipal Luz do Saber; E como objetivos específicos: Identificar os principais conceitos do meio experienciado pelos estudantes do 6º ano da Escola Municipal Luz do Saber, como forma de apreender conceitos geográficos nas aulas de Geografia; Analisar por meio das representações gráficas elaboradas pelos estudantes, como os mesmos apreendem sobre as questões ambientais ocorridas no meio ao qual vivem; Inserir as representações gráficas nas aulas de Geografia, como instrumento metodológico de ensino aprendizagem.

O referido TCC esta dividido em três partes, a primeira discorre sobre O processo ensino-aprendizagem em geografia e a percepção ambiental dos estudantes adquiridas no dia-a-dia da sala de aula, escola, casa, bairro e entre outros, a segunda enfatiza sobre o lugar vivenciado pelos estudantes como forma de aprender conceitos geográficos, e a última parte discorre sobre a representação gráfica como instrumento metodológico no processo ensino aprendizagem da percepção ambiental no ensino de geografia.

Portanto, os resultados tentou introduzir sugestões de atividades que possibilitem uma pratica mais eficaz e principalmente voltada ao contexto do estudante, o que por sua vez facilitara no seu processo de ensino aprendizagem, bem como a utilização de novos processos

metodológicos pelo professor, como, por exemplo, a utilização das representações gráficas como forma de contribuir na percepção ambiental dos estudantes.

2 O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM EM GEOGRAFIA E A PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A disciplina Geografia, em seu eixo de discussão e reflexão, permite ao estudante a contextualização e leituras das diferentes realidades vivenciadas no dia-a-dia. Atualmente, ainda se pode observar nas salas de aula, que o ensino de Geografia ainda é repassado de forma tradicional, o que dificulta ou retarda a aprendizagem do aluno, principalmente em se tratando da realidade de Parintins percebida na Escola Luz do Saber.

Callai (2005) descreve sobre tal perspectiva no ensino de Geografia, analisando que para que esse ensino tradicional seja superado é necessário que a criança aprenda a pensar e a ler o espaço que esta em seu contexto. A autora faz criticas ao ensino tradicional da seguinte forma:

É certo que, da forma como a geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida. (CALLAI, 2005 p. 229).

Os alunos, no ensino tradicional, deveriam decorar os nomes de rios, países, e outros elementos que constituem a paisagem. (Vesentini, 2004). Era um ensino do “decoreba” e que forçava os alunos a memorizar aspectos da paisagem que geralmente estavam bem longe de sua realidade e que poderiam ser trabalhos de forma diferente no seu cotidiano. Porém, com o surgimento da Geografia Crítica e o reconhecimento de autores que passaram a tratar dessa nova perspectiva de ensino que veio à tona modificando e reestruturando o conceito de como se ensinar geografia.

Dessa forma, é preciso que novas práticas metodológicas e didáticas de ensino, sejam incorporadas ao currículo das escolas, pois estudar uma Geografia totalmente desconexa do mundo e contexto o qual o estudante esta inserido é algo complexo de se ensinar e de aprender.

Assim, ao se estudar uma Geografia embutida no contexto em que o estudante esta inserido, abre-se novos caminhos para que o mesmo possa compreender inúmeras questões relacionadas a sociedade, natureza, políticas e ambientais.

As questões ambientais, ultimamente no cenário mundial são as mais debatidas (Tratado de Kyoto, Rio + 10, Rio + 20). E por muitas vezes, os estudantes estão a mercê dessa questão por pensarem que o problema está longe demais para se preocuparem com esta temática ou por principalmente não estarem instruídos a ter uma opinião crítica a respeito dos assuntos ambientais.

Na concepção de Sato (2003) é importante identificar a percepção ambiental que os indivíduos possuem como primeiro passo para a formação de pessoas capazes de agir criticamente e transformar a realidade.

Por ser um dos temas transversais, o debate sobre a questão ambiental, muitas vezes não é trabalhado de forma adequada na escola primárias, bem como, há uma carência na metodologia para se trabalhar este tema, sendo em geral, imposto ao professor de geografia esta tarefa. Dessa forma, quando não trabalhado de forma adequada, o estudante futuramente irá ter uma falha em sua formação de Percepção Ambiental.

Ao se falar no tema Percepção Ambiental (PA) temos Livia de Oliveira, a qual é a pioneira no domínio dos estudos sobre PA no Brasil, segundo a autora percepção ambiental é o ato de compreender e perceber o que cada sujeito tem do meio ao qual vive Oliveira (2002). Sendo assim, o primeiro contato que o indivíduo tem com o meio, acarretará na percepção de lugar que ficará arquivada em sua mente, porém segundo a autora, é a inteligência que atribui significado ao que foi percebido.

Assim, ao se tratar de Percepção Ambiental no ensino de geografia no 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Luz do Saber, tem-se um leque de caminhos que podem ser trilhados. A metodologia específica trabalhada neste artigo foi a de compreender a percepção ambiental de estudantes do 6º ano, na forma de representações gráficas como instrumento metodológico no processo ensino aprendizagem no ensino de Geografia.

Dessa forma, é importante que se construa esse processo de ensino aprendizagem, contextualizando o lugar onde os estudantes estão inseridos, para que os mesmos possam criar conceitos próximos que são vistos diariamente.

Para Castelar, (2000) ao se ensinar geografia, deve-se dar prioridade à construção dos conceitos pela ação da criança, tomando como referência as suas observações do lugar de vivência para que se possam formalizar conceitos geográficos.

Com essa perspectiva, fica bem mais fácil colocarmos em prática um ensino mais significativo que busca ser mais eficiente quando se coloca em questão a percepção ambiental que cada indivíduo possui onde vive, sua experiência com o lugar e a realidade vivenciada pelos estudantes se torna importante na constituição de sua percepção ambiental.

O recorte geográfico escolhido para realizar a pesquisa foi a Escola Municipal Luz do Saber (Figura 1). O histórico da escola no diz que a escola Municipal Luz do Saber foi inaugurada em 25 de Abril de 2002, na Rua Padre Francisco Luppino, 4197 Bairro de Ituana II. Regulamentada pelo Decreto Municipal Nº 021/2003 PGMP, inscrita no INEP/MEC (Ministério da Educação) sob o nº 13083473 e sua APMC (Associação de Pais, Mestres e Comunitários) CNPJ 06.293.063/0001-60. Localizada em uma área periférica da cidade de Parintins, conhecido como Bairro Itaúna II, o qual é reconhecido principalmente pela história de invasão³ e pela sua numerosa população como zona periférica da cidade de onde advém toda a clientela que compõe o corpo discente desta escola, filhos de pais com baixa renda dentre eles destacam-se: os tricicleiros, carroceiros, pescadores, pedreiros, carpinteiros e vendedores ambulantes.



Figura 1: Escola Municipal Luz do Saber.
Fonte: Noyane Santos, 2013.

Sua implantação se deu por iniciativa de um grupo de professores, pais e comunitários que sentiram a necessidade de sua construção em decorrência de uma demanda muito grande de alunos fora do ambiente escolar por falta de vagas para as séries iniciais. Essa iniciativa contou com o apoio do então gestor municipal Enéas de Jesus Gonçalves Sobrinho que comovido pela referida situação se propôs a dar início na construção tendo como colaboradores os pais dos alunos e a comunidade em geral.

A professora Rosene Filgueira de Farias foi quem deu início na direção do educandário a partir do mês de Abril de 2002 à Janeiro de 2005. Sendo importante mencionar

³ Termo atribuído pelos próprios moradores, que se auto intitulam de “invasores”, mas na Geografia é denominado de ocupação.

que neste período a escola possuía uma estrutura de madeira e complementos de alvenaria com 06 salas de aula padronizadas, 01 secretaria, 01 cozinha, 01 pequena área para recreação e 03 banheiros.

De Janeiro de 2005 a Junho de 2008, assumiu a gestão o professor Marcio José Farias Miranda, atendendo 600 alunos de Ensino Fundamental distribuídos em 20 turmas que funcionavam também em dois anexos. De junho de 2008 a Junho de 2009, assumiu a gestão da escola a professora Heti Paes da Costa a qual desenvolveu um ótimo trabalho demonstrando seu grande potencial para administrar. Em junho de 2009, a gestão da escola passou a ser gerenciada pela professora Maria de Jesus Castro Queiroz, que por necessidade reivindicou dos gestores municipais mais 03 salas de aula incluindo o laboratório de Informática para o ano letivo de 2010. Em 2010 a referida escola, possuía 13 salas de aula com as turmas distribuídas nos turnos: matutino e vespertino e atendia do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental.

No ano de 2013 a escola foi reinaugurada com uma estrutura totalmente diferente, com salas de aulas climatizadas e uma estrutura voltada a atender à necessidade de alunos especiais. Atualmente a escola possui 800 alunos matriculados distribuídos em 26 turmas sendo no turno matutino e vespertino, a mesma possui um quadro funcional com 77 profissionais sendo 01 Gestora, 01 Vice- gestora, 01 Coordenadora Pedagógica, 01 Professor da Sala de AEE, 35 Professores, 05 Auxiliares a Docência, 04 Auxiliares de AEE, 03 Apoio Pedagógicos, 01 Monitor de Informática, 05 Assistentes Técnicos Administrativos, 03 Auxiliares de segurança a Discente, 04 Merendeiras, 07 vigias, 07 Auxiliares de Serviços Gerais e o Programa Mais Educação com 21 monitores.

3 O LUGAR VIVIDO PELOS ESTUDANTES COMO FORMA DE APRENDER CONCEITOS GEOGRAFICOS.

Atualmente a relação do homem com o ambiente natural esta passando por diversas mudanças, que estão a cada dia sendo modificados com os modos de vida, as mudanças de comportamentos da própria sociedade. Os estudos sobre a percepção ambiental, neste sentido, é um meio de compreender como os sujeitos adquirem conceitos, valores, como compreendem suas ações e se sensibilizam com o meio natural dentro do espaço geográfico. (Oliveira, 2002).

Oliveira salienta que Meio Ambiente- MA, seja ele qual for, é definido conforme a percepção que cada sujeito faz da realidade que o cerca. Dessa forma, cada indivíduo refletira

aquilo que cotidianamente o mesmo convive, refletindo de forma diferenciada, pois cada pessoa vive de modo distinto uma das outras.

Analisar como um objeto de estudo os alunos de 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Luz do Saber, é algo interessante e surpreendente, pois ao se entrar em contato com esse público alvo, se tem uma gama de procedimentos metodológico, voltados ao processo de ensino aprendizagem que podem ser postos em prática, pois as crianças dessa faixa etária são de certa forma mais ativas, e estão em busca de algo novo que possa explorá-lo o máximo que puder.

Nesse sentido, a representação gráfica como um instrumento metodológico no processo ensino aprendizagem em geografia, seria uma forma de sua trabalhar a percepção ambiental do estudante, visto que são poucas os educadores que sabem como e quando utiliza esse instrumento metodológico. Sendo importante mencionar que quando trabalhado de forma que professor de geografia contextualize com lugar vivenciado pelo estudante, o processo de ensino se torna mais eficaz.

Dessa forma, cabe mencionar o que Almeida (1989), descreve sobre o espaço vivido diariamente pela criança, descrevendo da seguinte forma:

O espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. É aprendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorrê-lo, delimita-lo, ou organiza-lo segundo seus interesses. (ALMEIDA, 1989, p. 26).

Assim, o espaço vivido dia-a-dia pela criança é o que fica guardado em sua memória, e é apreendido com mais facilidade pela mesma, de forma que possa compreendê-lo para posteriormente usá-lo.

O estudante do 6º ano, da Escola Municipal Luz do Saber, diariamente tem em seu caminho percorrido até a escola, uma área verde que o bairro Paulo Corrêa possui, conhecida popularmente como “Lagoa Azul”. A lagoa é um olho d’água, que antes da ocupação do Bairro Itaúna II já existia ali, porém ao longo do tempo com maior intensidade a mesma passou a ser degradada bruscamente pelas pessoas que moram ao seu entorno, se transformando hoje em uma lagoa totalmente poluída (Figura 2).

Por estar ao lado da escola, a Lagoa poderia ser melhor conservada, pois a escola poderia e deveria tomar a frente de medidas cabíveis a uma instituição pública, para que políticas públicas intervissem na conservação da lagoa. Bem como a utilização da mesma nas aulas de geografia, pois os estudantes poderiam conhecer e aprender muito mais sobre o meio natural e ação antrópica, e ao mesmo desmistificar um pouco a ideia de que ainda é bastante

ouvido a de uma geografia tradicional de reprodução de livros didáticos não compatíveis com o contexto do estudante.



Figura 2: Lagoa Azul
Fonte : Noyane Santos, 2013.

Assim, o lugar vivido e experienciado pelos estudantes do 6º ano, se torna útil e eficaz para uma melhor aprendizagem, bem como para ensinar e apreender conceitos geográficos, pois ao se estudar algo relacionado ao que já se conhece com as experiências diárias dos estudantes, se torna mais fácil do que quando se ensinar e aprender com temas que não se aplicam ao contexto vivido pelo estudante. Nesse contexto, nos remete lembrar o que Cavalcanti (1998, p. 13) descreve, que “[...] o conhecimento escolar se constrói pelo confronto entre conceitos cotidianos e conceitos científicos [...]”.

Nesta perspectiva, os assuntos que poderiam ser trabalhados pelo professor de geografia em uma única visita com os alunos seriam inumeráveis, questões relacionadas à água, ao solo, a vegetação, a ação do homem sobre o meio natural, desmatamento, poluição, a ocupação humana, destruição do habitat natural dos animais, educação e percepção ambiental, entre outros.

Nogueira (1994), também descreve sobre essa experiência vivenciada diariamente pelos homens e como a mesma implica na formação e percepção individual de seu conhecimento geográfico.

A experiência de vida dos homens deve fazer parte das análises geográficas, o conhecimento humano é adquirido através das experiências temporais, espaciais dos indivíduos. Este conjunto de experiências faz dele um sujeito no mundo. Se a Geografia é uma das ciências sociais que o tem como sujeito de suas reflexões não

pode deixar de vê-lo como indivíduo que constrói sua própria imagem das coisas em função de suas percepções individuais. (NOGUEIRA, 1994, p. 63).

Sendo assim, não se pode falar em PA sem estudar o lugar, que é onde acontece as ações cotidianas, dessa forma, o lugar para Tuan (1930), é a dimensão do mundo vivido e das experiências diárias dos sujeitos, como também é um espaço carregado de valores simbólicos que possui importância para indivíduos e coletividades, onde que também para ele, a experiência é a modalidade pelas quais o ser humano apreende, constrói e vivencia a realidade, ou seja o lugar é principalmente caracterizado por um sentimento de afeto que cada indivíduo tem com o lugar.

Dessa forma, em cada experiência vivenciada pelos estudantes do 6º ano da Escola Municipal Luz do Saber, certamente implicara na construção de sua percepção e consequentemente de seu conhecimento nas aulas de geografia.

A Escola Municipal Luz do Saber esta localizada no bairro de Itaúna II, considerado um dos bairros periféricos da cidade de Parintins. Sendo que o foco da pesquisa foram os alunos do 6º ano do ensino fundamental, especificadamente o 6º ano B, que possui 32 alunos que frequentam a escola.

Iniciando os primeiros passos da pesquisa, foi primeiramente ministrada uma aula pelo pesquisador na Escola Municipal Luz do Saber, como uma forma introduzir o estudante ao tema que posteriormente se pretendia trabalhar.

Com o tema percepção ambiental, se iniciou a aula fazendo indagações aos estudantes relacionadas ao meio natural que conheciam. De que forma e como os mesmos veem a conservação do seu ambiente escolar, sua moradia, seu bairro e sua cidade. Após este primeiro momento, foi proposto um segundo momento, onde foi pedido aos alunos do 6º ano B, que representassem de forma gráfica, tudo o que existia em volta de sua escola relacionando ao tema percepção ambiental.

Neste sentido, Archela (2004), descreve sobre essas representações gráficas do espaço visto diariamente pelo estudante. A autora descreve o seguinte:

As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação. (ARCHELA, 2004, p.127).

Dessa forma, ao fazer uma representação gráfica, o estudante tendera a fazer algo que de alguma forma é familiar para ele.

Diante do exposto, analisou se no desenho da figura 3, feito pelo estudante K.S 12 anos, que o mesmo representou graficamente uma paisagem a qual é vista diariamente pelo mesmo ao percorrer o caminho de sua escola, que é a Lagoa Azul. Reafirmando o que foi descrito anteriormente sobre as representações de espaços vividos, ou seja, os espaços que fazem dia-a-dia parte do contexto o estudante e que podem ser utilizados como uma forma de se ensinar ao estudante conceitos geográficos.



Figura 3: Desenho sobre Percepção Ambiental –A
Desenho: Estudante K.S./12 anos – 6º ano/2013.

Neste sentido cabe mencionarmos a assertiva de Santos (2002, p. 24) , quando o mesmo descreve que “a geografia dependeu desde as suas origens, de recursos comunicacionais de leitura e descrição do território, [...]. Os relatos, os desenhos e as pinturas constituem importantes instrumentos de tradução do espaço”.

4 A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA COMO INSTRUMENTO METODOLÓGICO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O processo de ensino aprendizagem da percepção ambiental na forma de representações gráficas, trabalhadas juntamente com os alunos do 6º ano da Escola Municipal Luz do Saber, traz como o principal meio de ensino a elaboração de desenhos construídos pelo estudante e a partir do que o mesmo já possui em seu conhecimento sobre percepção ambiental.

O professor de geografia, quando se propõe a trabalhar com esse instrumento metodológico, tem que estar plenamente orientado para dar esse tipo de aula, pois lecionar aulas voltadas a dinâmicas, elaboração de mapas mentais, representações gráficas entre outros, é de certa forma, ir de encontro ao que a criança gosta de fazer. Dessa forma o professor de geografia tem que tomar muito cuidado em não apenas pedir ao seu aluno para desenhar qualquer coisa, mas principalmente deve orientá-lo para que represente sempre fundamentado em algo de cunho geográfico.

Julias (2010) relata bem esse processo, quando a mesma descreve o seguinte: “Partimos da concepção do desenho como uma linguagem e como a primeira escrita da criança, sendo uma representação gráfica dotada de uma porção de elementos referente à cognição, cultura, desenvolvimento motor e afetividade daquele que o produz”. (JULIAS 2010, p. 3844).

Nesse contexto, podemos inserir o estudante do 6º ano, que está entre a faixa etária de 11 a 13 anos, e ainda está construindo o seu pensamento sobre inúmeros temas, inclusive sobre sua percepção ambiental. É notório observar, que os mesmos gostam desse instrumento metodológico de ensino, que é a representação gráfica, pois para eles se torna prazeroso representar graficamente, sendo que, ao mesmo tempo em que fazem a representação eles acabam por compreender sobre o meio natural e conseqüentemente aprimorando ainda mais sua percepção. (Figura 4).



Figura 4: Desenho sobre Percepção Ambiental - Aluno B
Desenho: Estudante Y.S./ 12 anos – 6º ano/2013.

O terceiro momento da pesquisa se iniciou, com a retirada dos estudantes da sala de aula bem como da escola, onde juntamente com os alunos e dois professores para auxiliar na

atividade, os estudantes foram dar uma volta ao entorno da escola e da Lagoa Azul (Figura 5). Nesse sentido, mencionamos o que Campos (2007) argumenta que o fato de a sala de aula existir como lugar de aprendizagem, não significa que a tarefa da educação escolar deva se limitar a quatro paredes.

Previamente, ainda em sala de aula, orientamos aos estudantes que levassem um caderno de anotações para que os mesmos pudessem descrever suas próprias observações sobre aspectos relacionados a percepção sobre o ambiente natural, poluição, lixo jogado na lagoa, nas ruas e entre outros.

Este procedimento, o de retirar os estudantes da sala de aula, e leva-los a um espaço não formal para se ensinar Geografia, foi elaborado com a pretensão de adquirir informações relevantes sobre a percepção ambiental dos mesmos, quando postos em uma realidade cotidiana que convivem dia-a-dia.

Segundo Salete (2002) esses espaços são extremamente ricos em opção para se trabalhar na difusão dos conteúdos de geografia, principalmente no que se refere ao entendimento do espaço geográfico e as relações que se estabelecem de forma simultânea, ou seja, o espaço é a relação metabólica do homem com a natureza, vista na escala da sua expressão social. Daí a necessidade de se ensinar geografia utilizando esse espaço natural onde se pode perceber bem definidamente a relação harmoniosa e os impactos ambientais negativos entre a sociedade e a natureza.



Figura 5: Estudantes caminhando em volta da Lagoa Azul.
Fonte: Noyane Santos/2013.

Dessa forma, a atividade fora da sala de aula foi se desenvolvendo normalmente, sendo importante destacar o interesse e a curiosidade dos estudantes, onde os mesmos

questionavam e indagavam sobre as coisas que viam durante o percurso da atividade, como por exemplo, os diversos tipos de lixo jogado tanto as margens da lagoa como também ao entorno da escola e nas ruas próximas da mesma.

Sendo bastante comum durante o percurso da atividade, a presença de “amontoados” de lixo em volta da escola, bem como na Lagoa Azul, onde se observou lixo tanto ao seu entorno, como também dentro da mesma, como garrafas pet, papeis, latas, restos de geladeiras e fogões que são deixados pelos moradores, inclusive animais mortos, como por exemplo um filhote de jacaré que no dia da atividade estava morto na Lagoa, o que poderia ser evitado, já que diariamente o carro de lixo coletor passa nas ruas do bairro.

O quarto e último momento da pesquisa foi realizado em outro tempo de geografia, visto que já em sala de aula, os estudantes foram indagados pelo pesquisador sobre a atividade fora da sala de aula. Onde foi perguntado aos estudantes de que forma a atividade anterior tinha contribuindo para o conhecimento que os mesmos já possuíam sobre o tema percepção ambiental.

Cada estudante respondeu conforme a sua percepção, como por exemplo, o estudante A. S. 12 anos do 6º ano respondeu da seguinte forma:

“eu acho professora que todos nos devemos preservar o meio ambiente, a gente deve aprender isso na nossa escola e em casa com a nossa família”.

Já o estudante F.B. 12 anos do 6º ano, respondeu o seguinte:

“o lixo no meio da rua faz o transito ruim, os esgotos vão direto para o rio que a gente toma água todos os dias. Lixões não “faz” bem para a população, nem para os animais que vive nas águas”.

O estudante T. F. 12 anos do 6º ano, respondeu o seguinte:

“Pelo o que eu observei, eu vi muitas pessoas adultos e crianças jogando lixo, coisa que é errada, porque lugar de lixo é no lixeiro. Lá eu vi pneus, bonecas plásticas e garrafas pelas ruas. Temos que jogar lixo no lixeiro”.

Ao analisar as respostas observou-se que, na maioria das respostas, os estudantes possuem de certa forma um pensamento critico sobre toda essa problemática que esta ocorrendo bem próximo a eles, visto que, por várias vezes alguns estudantes mencionam em atitudes de conservação do meio em que vivem, como por exemplo, não jogar lixo na sala de aula, nas ruas, nos rios, obedecer aos horários que o carro coletor passa nas ruas para pegar o lixo doméstico e etc.

Dessa forma, é importante que o professor se utilize das aulas de Geografia, para despertar o espirito critico dos estudantes. Uma vez que, que quanto mais for aprimorada essa característica no estudante, futuramente ele será um adulto critico desse sistema imposto que passa por cima de tudo e de todos e que por muitas vezes comete injustiça. Para Vesentini (2002, p. 3):

[...] desenvolver o espírito crítico, a nosso ver, não significa orientar e sim mostrar alternativas e realidades. Significa orientar o aluno para que ele perceba mais claramente o mundo onde as transformações se sucedem numa velocidade acelerada e diante do qual deve tomar posições [...].

Atitudes desse tipo, que se realmente fossem trabalhadas não somente na escola, mas principalmente em casa e no próprio bairro onde residem, poderiam se tornar eficazes na melhor conservação do meio escolar, natural, em sua casa, em seu bairro e por que não na cidade?

Outros estudantes que moram ao entorno da Lagoa mencionam que só jogam lixo na rua e na Lagoa porque vêem seus pais e vizinhos jogarem também. Como por exemplo, se pode observar na fala da estudante S. A. 12 anos do 6º ano:

“professora, eu só joga lixo lá, (Lagoa) porque meu pai manda eu ir jogar lá”.

Essa afirmativa só faz perceber que ainda hoje, existem pais que colocam totalmente a responsabilidade de educar os filhos sobre a escola, especificamente sobre o professor.

Após esse momento de perguntas e respostas entre pesquisador e os estudantes, foi proposto que elaborassem novas representações gráficas (Figura 6), conforme as observações descritas pelos mesmos na atividade realizada anteriormente, bem como se utilizar das explicações do pesquisador realizadas no início da aula.



Figura 6: Estudantes desenvolvendo suas representações gráficas.
Fonte: Noyane Santos/2013.

Para Almeida (2004, p. 25), “[...] o desenho consiste em um interessante meio de ação sobre o meio ambiente”. Nesses termos, a estudante S.B. 11 anos, representou graficamente sua percepção em relação ao ambiente vivido pela mesma, demonstrando que

uma simples medida, a de não jogar lixo em lagos ou em rios, (no caso a estudante representou a Lagoa Azul), poderia contribuir muito para a conservação do meio natural.



Figura 7: Desenho sobre a Percepção Ambiental-Aluno C
Fonte: Estudante S.B./ 11 anos - 6º ano/2013.

Diante do exposto, se pôde analisar que o estudante (a criança), é bastante influenciada pelo o contexto que a envolve, sendo perceptível na figura 7, que é muito mais eficaz o professor utilizar nas aulas de geografia aspectos locais que a criança conhece, do que utilizar exemplos de lugares longínquos que a criança não conhece.



Figura 8: Desenho sobre a Percepção Ambiental-Aluno D
Fonte: Estudante C.T./ 12 anos- 6º ano/2013.

Ao analisar a figura 8, pôde-se observar que o estudante C.T. 12 anos descreve em sua representação gráfica, algumas críticas, voltada, principalmente à sensibilização das pessoas que moram em sua cidade, em relação a não degradação da natureza. Nesse contexto, podemos

lembrar sobre o que Vesentini (2008, p.15) descreve, que "... o conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma geografia crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser "ensinada" ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que aluno e professor estão situados".

Dessa forma, o professor de Geografia possui o dever de formar não somente alunos críticos, mas principalmente de formar pessoas críticas para a vida e isso começa no vivido do dia-a-dia do estudante.



Figura 9: Desenho sobre a Percepção Ambiental-Aluno E.
Fonte: Estudante W.S./ 12 anos – 6º ano/2013.

Ao se analisar a representação elaborada pelo estudante W.S. 12 anos, (Figura 9) ficou evidente que o mesmo possui uma certa percepção ambiental sobre o meio que o cerca, pois apesar de ainda estar no 6º ano do Ensino Fundamental o mesmo já possui pensamento de criticidade e de medidas para soluções relacionadas a não poluição e destruição do meio vivenciado cotidianamente.

Medidas simples como não jogar papel em sala de aula, na escola, em casa ou em outros lugares, mas que a longo prazo surtirão efeito para uma sociedade melhor e mais conscientizada sobre o meio, seja ele natural ou feito pelo homem. O que conseqüentemente contribuirá ainda mais para a formação de cada estudante, no sentido de perceber o meio a qual o cerca.

Neste sentido, nos recordamos o que Vesentini (2008) descreve:

A geografia se fará diferente de acordo com o problema enfrentado e o engajamento do sujeito do conhecimento. E o ensino é cheio de desafios novos que qualquer modelo pronto vai ignorar. E se o professor não raciocinar em termos de "ensinar algo", e sim de "contribuir para desenvolver potencialidades" do aluno, ele verá que o conhecimento também é poder, serve para dominar ou combater a dominação, e que o educando pode e deve tornar-se co-autor do saber (com estudos participativos

do meio, debates frequentes, textos e conteúdo adequados à realidade social e existencial dos alunos, etc). (VESENTINI, 2008, p.15)

Com base nesse argumento, é necessário que a cada dia o professor de Geografia busque mais metodologias de ensino, que se torne eficaz no seu dia-a-dia em sala de aula, pois muitas vezes o estudante não compreende algo, porque ele não foi estimulado para que compreendesse aquele determinado assunto.

Desenvolver ou aprimorar a potencialidade do estudante em representar suas opiniões, pensamentos e críticas em representações gráficas nas aulas Geografia é uma forma de se ensinar e aprender através dos rabiscos muitas vezes mal traçados, mas que foi expresso da melhor forma que o estudante conseguiu, porém o mais importante desse processo é que o estudante conseguiu aprender, e isso é o que importa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o professor de Geografia é altamente banalizado por um sistema que é imposto de cima pra baixo, que o deixa por muitas vezes de mãos atadas ao processo de ensino aprendizagem, tanto em sala de aula e principalmente fora dela. No decorrer da pesquisa observamos alguns pontos relevantes a ser destacados, como por exemplo, a burocratização de retirar o estudante de dentro da instituição escolar, para se trabalhar os espaços ditos não formais, pois acreditamos que o estudante não aprende somente entre quatro paredes da escola, mas o processo ensino e aprendizagem acontece em qualquer lugar e a todo momento.

Durante a pesquisa, verificou-se também a necessidade do professor de geografia em adotar novos métodos e técnicas de ensino para serem aplicadas em sala de aula, bem como a não utilização das representações gráficas. Dessa forma, a metodologia de ensino aprendizagem por meio das representações, é de suma importância para que o estudante compreenda diversos assuntos de Geografia, desde que trabalhado pelo professor de forma correta.

De forma geral, a pesquisa constatou que as representações gráficas podem ser utilizadas como instrumento facilitador do processo ensino aprendizagem dos estudantes do 6º ano da Escola Municipal Luz do Saber, constatando que, através dessa atividade, ou melhor dizendo, através da arte que são as representações gráficas elaboradas pelos estudantes se pode observar que os mesmos aprendem com mais entusiasmo e prazer, por ser estar também relacionada a elementos, lugares e paisagens que são vistos diariamente pelos estudantes, o que estimula-os a ir sempre em busca de novos conhecimentos.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: Iniciação cartográfica na escola**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ALMEIDA, R.D.; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1989.
- ARCHELA, Rosely Sampaio. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar**. In: Geografia Londrina. vol.13, n. 1, p. 127-141, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 15 de jul. 2013.
- CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 24 de ago. 2013.
- CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 1998. – (Coleção Magistério: Formação de trabalho pedagógico).
- JULIAS, P.C. S. e ALMEIDA, R. D. **As relações entre desenho e representação espacial na Infância: um estudo sob a ótica da teoria sócio-cultural e das relações tempo-espaço-corpo**. In: I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço. São Paulo, 2010.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar. In. PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (orgs.) **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002.
- OLIVEIRA, Livia de. **A percepção da qualidade Ambiental**. Caderno de Geografia. Belo Horizonte, v. 12, n.18, p. 40-49, 1º sem. 2002.
- SALETE, Francisco Mendonça. **Elementos de epistemologia da geografia**. Curitiba, 2002.
- SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço**. São Paulo: UNESP, 2002.
- SATO, M. **Educação Ambiental**. Editor, J. E. São Carlos, Rima, 2003.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** / tradução Livia de Oliveira – São Paulo: DIFEL, 1930.
- VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 2004.
- _____. **Geografia Crítica**. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Para uma Geografia crítica na escola.** Editora do Autor São Paulo, 2008.